

## A INDISSOCIABILIDADE DA ESTAMPA AFRICANA E DA ESTAMPA AFRO NO PINTEREST

Campos, Cláudia R. Pereira de; Doutorada em Comunicação Social; PUCRS, crp.campos@gmail.com<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente comunicação parte de uma inquietação recorrente ao buscar referências para a criação de estamparia têxtil: a percepção empírica de que estampas identificadas como africanas e como afro na plataforma Pinterest são apresentadas frequentemente indissociável. Entendemos que este agrupamento é inadequado por ignorar questões culturais e assim problematizamos a construção desta convergência conceitual e analisamos os resultados que estas buscas tipicamente apresentam. A plataforma foi escolhida por ser uma das ferramentas de busca visual utilizada para a pesquisa pelos designers de estampas. Para o levantamento das imagens, partiu-se das palavras-chaves, estampa africana e estampa afro, sendo selecionadas 8 imagens para cada padrão e montou-se um Moodboard para analisar comparativamente os termos. Para a compreensão desse estudo buscou entender como funciona a Pinterest. Em relação as palavras-chaves, contextualizou-as, partindo do pensamento negro do meados do século XIX e XX no processo de reafricanização em África, a partir da abordagem feita por Muryatan S. Barbosa (2020). E na perspectiva de Raul Lody (2006), como esse pensamento constituiu esteticamente o “Afro” no mundo. Para entender a terminologia “Africana” que vem sendo utilizada nas manifestações, têxtil, arte e entre outras, partiu-se Toyin Falola (2020), que rompe com a singularidade de cultura, dando ênfase na diversidade em África.

Ao pesquisar estampa africana e estampa afro na Pinterest, constatou que algumas imagens que foram entregue são idênticas e outras com características parecidas, como elementos, cores, harmonia e composição. Percebe-se que o padrão africano e padrão afro são tratados como sinônimo. Isso acontece, porque a plataforma é alimentada pelo usuário, partindo do seu entendimento, cria, compartilha e salva suas ideias (BARROS, 2015). Ao se tratar de cultura africana, a visão do usuário é calcada na concepção clássica de África - unidade e homogeneidade cultural - da qual foi imposta pelo colonialismo e foi propagada pelo ocidente. Como trata

<sup>1</sup> Designer de estampas; Mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pela PUCRS; Especialista em História Africana e Afrobrasileira pela FAPA/POA; Especialização Inovação e Tecnologia em Design de Estampas pelo Senai CETIQT; Tecnóloga em Design de Moda pela ULBRA/Canoas; Licenciada e Bacharel em História pela PUCRS.

Barbosa (2020), as elites africanas criaram vários movimentos culturais com caráter político, utilizando das estratégias do colonizador, partindo da concepção de unidade, com o intuito de “Reafricanizar” o continente, reaprendendo suas próprias tradições, para fortalecer a luta em África e com apoio da diáspora africana, em prol da descolonização. Para o Lody (2006), o termo afro torna-se uma linguagem internacional, utilizada para compreender e preservar expressões do renascimento africano nas Américas e no Caribe. A estampa africana e a estampa afro não vem denominada a partir da diversidade da cultura negra. Como aborda Toyola (2020), o continente africano moderno é dividido em muitos países, tem mais de oitocentas culturas, línguas distintas e dialetos, com diferentes cosmovisões. Mesmo com todo progresso nas pesquisas sobre África e da diáspora, percebe-se que não há interconexão desse conhecimento com as novas tecnologias em que o designer utiliza como referencial para sua criação. Tratado do contexto atual, as plataformas ainda seguem uma perspectiva colonialista. Tendo em vista tudo isso, é salientada a necessidade de tensionar o debate étnico-racial no design de estamparia têxtil com o intuito de descolonizar o olhar, questionando as ferramentas que utiliza em criação em estampas. Esse estudo está vinculado a pesquisa de doutorado em andamento na Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS.

**Palavras-chave:** Estampa Africana; Estampa Afro; Pinterest.

### Referências:

- BARBOSA, Murytanan S. A razão africana: breve história do pensamento contemporâneo. São Paulo: Todavia, 2020.
- BARROS, Carla. Materialismo digital”, consumo e contemplação na rede social Pinterest. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, RJ, v.18(1), 120–132, jul. 2015. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i1.1975>. Disponível em: [https://ecopos.emnuvens.com.br/eco\\_pos/article/view/1975](https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/1975).pdf. Acesso em: 07 jun. 2024.
- FALOLA, Toyion. O poder das culturas africanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. Coleção África e os Africanos.
- LODY, Raul. O povo de santo: religião, história, e cultura dos orixás, boduns, inquices e caboclo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

